

EU VI O

PORTUGAL AFRICANO

II — LUANDA

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

Quem parte, pela primeira vez, de Lisboa, num dos modernos aviões a jato da Sabena, com destino à Capital de Angola, tem a nítida sensação de que parte para o desconhecido, para a Africa misteriosa, repleta de florestas, de animais selvagens e de aventuras e onde as suas mais belas cidades não são se não aldeias, onde o branco tropicalizado vive à custa dos nativos e de suas terras.

A viagem sendo noturna não permite ao viajante o des-cortínio da imensidão do continente, mas já ao despertar do dia que coincide com a chegada do avião no aeroporto internacional de Luanda, percebe que, pelo menos, a cidade onde chega não é aquela aldeia imaginada.

Com efeito, nada mais formosa que a vista aérea da simpática e bem plantada cidade de Luanda, cuja enseada principal impõe-se ao viajante, de forma serena e convidativa.

E esta sensação de beleza inicial não é daquelas que se desfaz quando a vista aérea é confrontada com o contato particularizado de cada uma das parcelas integrantes da capital da mais importante província atlântica de Portugal.

Mal chegado, parti para uma rápida visita de automóvel do centro da cidade e só depois dirigi-me a um dos seus hotéis, cujas acomodações e tratamento em nada são diferentes dos principais hotéis — principais capitais do mundo.

Recebido por um cicerone extremamente vocacionado para a sua função, Sr. Michel Chapman, brasileiro de nascimento e radicado em Angola, graças ao seu trabalho pude conhecer no curto espaço de 2 dias os pontos mais interessantes e os aspectos mais pitorescos da cidade maravilhosa.

Inicialmente, devo dizer que ao brasileiro que pisa a Africa Portuguesa, causa impressão 2 aspectos: o primeiro, o fato de falar-se o português ainda, depois de quase 2 dezenas de horas de voo em avião a jato; o segundo o de que os costumes, a forma de vida, a informalidade no vestir, o clima, a paisagem verde, a inexistência de preconceitos, a abertura para com terceiros, o sorriso franco e permanente são exatamente iguais àquilo que se encontra e vive-se no Brasil.

Achei a Africa Portuguesa, neste primeiro contato, muito mais semelhante ao Brasil do que o Portugal metrópole, o que também se compreende, já que o português que se tropicalizou no Brasil é da mesma descendência daquele que se tropicalizou no Portugal Africano...

Assim sendo, senti-me em casa, não obstante ter ido até a Europa e descido até Luanda para conhecer esta realidade magnífica que o português plantou em pleno coração da Africa.

Luanda é uma cidade bonita, como já disse acima. É uma cidade limpa, como aliás são todas as cidades portuguesas. É uma cidade moderna e a sua arquitetura tem muito da arquitetura brasileira. As casas são bem construídas, tendendo para as formas cubistas da arquitetura de Brasília. Luanda é uma cidade com muitas igrejas. E com igrejas originais. Sem serem dispendiosas na sua construção, são estilisticamente formosas. Luanda é uma cidade com

(Conclui na 5.a pág.)

PORTUGAL AFRICANO

(CONCLUSÃO DA 1.a PAG.)

cinemas (alguns ao ar livre), teatros, museus, bibliotecas, monumentos, escolas, faculdades, hospitais, laboratórios, indústrias, comércio, enfim uma cidade moderna como as mais modernas e nisto não se diferencia das demais formosas cidades do mundo, que nasceram à beira-mar.

Luanda, entretanto, é uma cidade diferente: Luanda não é uma cidade de brancos. Não é também uma cidade de negros. É uma cidade de brancos e de negros, onde comandam os brancos e os negros, ora estes dirigindo aqueles, ora aqueles dirigindo estes, conforme a atividade em que se encontram. É, portanto, uma cidade fraternal, de comunhão de raças. O próprio nome foi dado por nativos e quer dizer "rede de pescadores", pertencendo ao dialeto "quimbundo". Assim sendo, Luanda é uma cidade universal, no verdadeiro sentido da palavra e nos limites dos seus 300.000 habitantes...

Os "musseques" que correspondem às nossas "favelas", estão a desaparecer em Luanda. A Camara Municipal está a construir casas para os favelados, ou melhor, está a ajudar tudo, inclusive engenheiros, mas usando a mão de obra dos seus futuros possuidores. Desta forma, renova em Africa o gesto do Governador do Estado da Guanabara, com o desfavelamento do Rio de Janeiro.

Por esta razão, ao viajante que chega em Luanda, Luanda é uma surpresa e ao brasileiro um comovente encontro com a sua origem. Por esta razão, compreendi por que este esplêndido Cônsul Geral do Brasil em Angola, que é o Dr. Sérgio Correia do Lago, transformou-se num dos entusiastas defensores desta realidade esplendorosa. E por esta razão, compreendi também porque Portugal metrópole não abre mão do Portugal Angolano, cuja Capital insinuante e tentadora eu conheci. Porque não pode a cabeça de um corpo concordar com a amputação de um de seus próprios membros.

Eis porque, para finalizar este segundo artigo, resolvi transcrever o final de um poema de Cochat Osório, dedicado à Luanda, Capital de um Portugal, que se renova em cada um dos seus gestos criadores:

"...a cidade que vibra intensamente
e grita essa mensagem quente de vigor
e de ansiedade
que é o sangue da gente misturado à cor
da cor duma cidade
esta cidade quente
fantasiada com a luz potente
do sol
e da manhã;
cidade que recebe do trabalho
a condição humana;
a terra que o sol queimou para a tornar mais sã;
é feita com a força consciente
da luta continuada desta gente
que vive
e sofre
e ri
e canta
e sente
e encharca de suor os dias da semana!"